

MEMÓRIAS AFETIVAS E PASTORAIS SOBRE A ATUAÇÃO DAS RELIGIOSAS MISSIONÁRIAS DE NOSSA SENHORA DAS DORES EM ALAGOINHAS

Leandro Neri Brito*
Lina Maria Brandão de Aras*

* Professor licenciado em História, funcionário da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e doutorando do PPGNEIM. Estuda a Vida Religiosa feminina.

* Professora orientadora de Leandro Neri Brito.

Resumo

No presente artigo, especificamente na primeira parte do texto, relato a minha experiência de convivência com as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, destacando como as conheci e as suas contribuições na minha formação cristã e cidadã. Na segunda parte do texto, apresento dados sobre a chegada das Irmãs à Alagoinhas e relato algumas experiências vivenciadas por elas durante os trinta anos em que trabalharam nessa cidade, especificamente na Catequese, na Animação das Comunidades e no Movimento das Mulheres Lavadeiras.

Palavras-chave: memória; freiras; igreja católica; história oral.

Abstract

In this article, specifically in the first part, I report my experience of living with the Missionary Sisters of Nossa Senhora das Dores, highlighting how I met them and their contributions to my Christian and citizen formation. In the second part of the text, I present data on the arrival of the Sisters in Alagoinhas and I report some experiences they lived during the thirty years they worked in that city, specifically in Catechesis, in the Animation of Communities and in the Movement of Women Launderers.

Keywords: memory, nuns, catholic church, oral story.

A moça que passava...

Aos onze anos de idade, depois de fazer as tarefas escolares, eu gostava muito de ficar na porta de casa observando a vida que acontecia diante dos meus olhos; gostava especialmente de olhar as pessoas que passavam de um lado para outro, absorvidas pelos seus pensamentos, correrias e atribuições. Sempre fui de observar. Minha mãe conta que, quando eu era bebê, passava horas, quietinho, acompanhando com os olhos os caminhos percorridos por formigas em busca de alimentos no terreiro¹ da casa da minha avó-madrinha.

Aos onze anos, observando a vida e as pessoas na porta da minha casa, eu notei que uma moça passava todos os sábados, praticamente no mesmo horário, entre as 15h e as 15h30. Era uma moça bonita, simpática, de sorriso terno e ar acolhedor. Todas as vezes que ela passava, nós trocávamos olhares, sorrisos e algumas palavras como “boa tarde” ou “olá”. Até que um dia, motivado pela curiosidade e pelo bem-estar que as presenças ternas provocam nas crianças, eu perguntei o seu nome e ela me disse que era Alberta, Irmã Alberta.² A moça que passava já não era mais uma anônima, mas aquilo de “irmã” me soou estranho e sem sentido, pois eu não sabia o que aquela palavra, naquele contexto, significava.

No sábado seguinte, Alberta passou novamente e eu lhe perguntei o que ela era e o que significava a palavra “irmã” na frente do seu nome. Ela me explicou que era freira, que morava na Praça Santa Isabel, que todos os sábados passava na frente da minha casa porque ia para a Catequese numa comunidade localizada na Rua Thompson Flores, onde exercia as funções de catequista e coordenadora. Eu achei aquilo tudo maravilhoso³.

Alberta aproveitou a conversa para perguntar se eu não queria frequentar a Catequese, conhecer a comunidade e outras crianças, me preparar para o sacramento da Eucaristia. Com alegria, lhe respondi que sim, mas que

precisava falar com a minha mãe. Se eu não me engano, era outubro ou novembro de 1985; por causa da proximidade do fim de ano, minha mãe achou melhor esperar o ano seguinte para que eu ingressasse na Catequese da Comunidade Senhor do Bonfim, juntamente com a minha irmã, acompanhando a moça que passava todos os sábados na porta da minha casa.

A Irmã Alberta se tornou uma amiga querida, uma confidente e uma presença solidária que contribuiu profundamente para o meu crescimento, em diversos aspectos, sobretudo em relação à minha fé e à minha caminhada eclesial, que vivenciei quase ininterruptamente até o ano de 2009.

As lembranças relatadas, tão caras para mim, me emocionam profundamente, pois remetem ao meu primeiro encontro com uma Religiosa Missionária de Nossa Senhora das Dores, freira católica pertencente à congregação religiosa fundada no interior de Minas Gerais, em 1913, por Madre Maria de Jesus, uma religiosa francesa que, para continuar vivendo plenamente a sua vocação, exilou-se no Brasil juntamente com sua prima e amiga, Madre Maria Miguel (BOUISSOU, 1965).

Convivendo com a Irmã Alberta e frequentando a Catequese, passei a conhecer a Igreja, suas belezas e limitações, e vi na vida cristã e no engajamento eclesial um caminho de realização pessoal e a possibilidade de vivenciar o projeto de Jesus apresentado nos Evangelhos, que pode ser sintetizado no seguinte versículo bíblico: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei”⁴. No dia de 19 de dezembro de 1987 fiz a Primeira Comunhão e, no ano seguinte, tornei-me membro da Comunidade Senhor do Bonfim, fato que me possibilitou participar de diversos eventos paroquiais e diocesanos.

Durante a minha caminhada eclesial, como catequista e agente de pastoral, vivenciei momentos inesquecíveis: conheci pessoas; participei de encontros de formação que sempre priorizaram, à luz da Teologia da Libertação, a ligação entre fé e vida; estive presente em momentos litúrgicos profundos e místicos; e percebi que ser cristão ou cristã está para além das práticas religiosas e/ou rituais. No entanto, preciso destacar que

¹ Eu nasci em Contendas do Sincorá, uma cidade do interior da Bahia, próxima a Jequié e Vitória da Conquista; lá, as pessoas costumam chamar o quintal de uma casa de terreiro.

² Todos os nomes das irmãs aqui citadas são fictícios.

³ As localidades citadas nesse parágrafo são da cidade de Alagoinhas, Bahia, onde os fatos relatados nesse artigo aconteceram.

⁴ Evangelho de São João, capítulo 15, versículo 12.

a minha convivência com as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, iniciada na minha infância ao conhecer a Irmã Alberta, talvez tenha sido o que de mais importante aconteceu na minha vida eclesial por diversos motivos, entre eles:

- As Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores sempre foram para o povo de Alagoinhas, especificamente para as pessoas mais pobres e sofridas, uma presença solidária e amorosa; mulheres que nunca se negaram a ouvir, ajudar e acolher a quem quer que fosse;

- As irmãs da Praça, como as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores eram chamadas carinhosamente pelo povo alagoinhense⁵, foram mulheres de oração e ação que lutaram durante os trinta anos de sua atuação missionária na Diocese de Alagoinhas contra as injustiças, o machismo, a exploração da pessoa humana, o extermínio de jovens e adolescentes e, em prol da dignidade das mulheres, principalmente das mulheres lavadeiras;

- As irmãs sempre animaram as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) da Paróquia da Catedral de Santo Antônio, sede diocesana de Alagoinhas, e contribuíram imensamente no trabalho de formação das suas lideranças: catequistas, leigos, leigas, ministros e ministras da Comunhão Eucarística, adolescentes, jovens e agentes de pastoral;

- E, particularmente, as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, desde o início da nossa convivência e amizade, me acolheram como sou, valorizaram as minhas qualidades e potencialidades, colaboraram na minha educação cristã e cidadã, estiveram presentes nos momentos felizes e tristes da minha vida, como o nascimento da minha primeira sobrinha e a morte do meu pai, respectivamente. Essas freiras, com suas qualidades e defeitos, com sua humanidade e mística e com o seu jeito de amar brotado do Evangelho e do carisma congregacional, me mostraram que os ensinamentos de Jesus Cristo sobre amor, justiça e acolhimento a toda e qualquer pessoa devem ser vivenciados dentro e fora da Igreja, no

⁵ Essa expressão era utilizada pelas pessoas das comunidades para referirem-se às Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores; fazia alusão ao local da residência das irmãs, a Praça Santa Isabel.

cotidiano da vida, nos diversos ambientes e relações que estabelecemos com as pessoas que convivem conosco.

Por tudo isso, decidi escrever este artigo sobre essas queridas irmãs para concluir a disciplina *Memórias e Narrativas de Gênero e Geração*, ministrada no PPGNEIM pelas Professoras Dra. Marcia Tavares e Dra. Josimara Delgado, pois a dinâmica desse componente curricular, juntamente com a bibliografia trabalhada, me fez mergulhar em lembranças e memórias particulares e coletivas, onde os sentimentos, as emoções e os saberes se encontraram de maneira profunda, intensa, harmoniosa e visceral.

Caminhos do texto

O presente artigo tem como objetivo relatar algumas experiências vividas pelas Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores na Diocese de Alagoinhas, especificamente na Paróquia da Catedral de Santo Antônio, onde elas trabalharam durante trinta anos. Ao longo desse período, as irmãs da Praça realizaram muitas ações nos âmbitos eclesial e social, mas por causa dos limites de um trabalho desta natureza é impossível relatar cada uma delas, por isso escolhi três: o trabalho das irmãs na Catequese, a atuação delas nas Comunidades Eclesiais de Base e o serviço que realizaram junto e com as mulheres lavadeiras de Alagoinhas e região.

Para a construção desse artigo, usei um recorte da minha dissertação de mestrado intitulada *Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, Mulheres de “Coração de Fogo” e “Vontade de Ferro”*, defendida em 2016, no PPGNEIM⁶.

Com o objetivo de oferecer às Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores a possibilidade de apresentar suas memórias em relação às experiências vividas e aos trabalhos realizados em Alagoinhas, usei

⁶ A minha dissertação de mestrado foi orientada pela Professora Dra. Lina Maria Brandão de Aras, Professora do Departamento de História e Coordenadora do PPGNEIM. Através dela, relatei vivências e experiências das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores em Alagoinhas, entrevistando irmãs que moraram e atuaram naquela cidade. Além disso, também apresentei a história da Congregação e de Madre Maria de Jesus, sua fundadora, como também reflexões e fatos sobre a mulher na Igreja Católica.

como suporte metodológico a História Oral, na perspectiva de Alberti:

[...] a História Oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas (ALBERTI, 1989, p. 04).

A afirmação de Alberti demonstra que a História Oral se fundamenta na memória humana e na capacidade que esta possui de recordar o passado (MATOS; SENNA, 2011). De acordo com esse ponto de vista, a memória pode ser definida como:

[...] a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. [...] toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros (MATOS; SENNA, 2011, p. 96).

Em outras palavras, a memória, mesmo que individual, é sempre coletiva, afinal as nossas memórias particulares se inserem nas memórias coletivas através dos diferentes pontos de referência que as estruturam como, por exemplo, os monumentos, o patrimônio arquitetônico, as paisagens, as datas e as personagens históricas, as tradições e os costumes, as regras de convivência e interação, além de elementos como a música e as tradições culinárias (POLLAK, 1989).

Ao utilizar elementos de História Oral, trabalhei com o conceito de memórias subterrâneas desenvolvido por Michael Pollak:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à 'memória oficial' [...]. Num primeiro momento, essa abordagem faz da empatia com os grupos dominados estudados uma regra metodológica e reabilita a periferia e a marginalidade. [...] ela acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional. Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise (POLLAK, 1989, p. 04).

Desde que o patriarcado foi institucionalizado no ambiente cristão católico, a partir do século II (AQUINO, 1997), as vozes das mulheres foram

sistematicamente silenciadas pelos homens da Igreja, sobretudo os clérigos. Vozes femininas passaram a ser consideradas dissonantes e perigosas, devendo ser desconsideradas e desvalorizadas, fato que ultrapassou os séculos e ainda está presente nas relações contemporâneas existentes na Igreja Católica, mesmo depois das mudanças ocasionadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Um indicativo da desvalorização e do silenciamento das vozes femininas na história da Igreja é o caso de Luísa de Marillac, que viveu entres os séculos XVI e XVII, fundou, com Vicente de Paulo, a Companhia das Filhas da Caridade e foi canonizada pelo Papa Pio XI no dia 11 de março de 1934:

Destaquemos ainda um exemplo: Santa Luísa de Marillac (1591-1660), 'mãe e mestra' das Filhas da Caridade, as quais figuram na grande história como 'fundadas por São Vicente de Paulo'. Ninguém nega a importância de São Vicente, que ajudou poderosamente Luísa de Marillac a se libertar de suas incertezas e angústias interiores, atribuíveis em grande parte aos sentimentos excessivos de dependência feminina inspirados pelo clima cultural e espiritual machista que a asfixiava. Mas o santo a libertou precisamente, ajudando-a a encontrar a sua missão de fundadora, de mãe e mestra das Irmãs da Caridade. Estas têm de fato pai e mãe. Mas ele se faz presente de vez em quando, marcando suas filhas com sua palavra, deveras eloquente, cativante, e seu exemplo, prodigioso de total dedicação ao serviço dos pobres. Porém, a mãe, a Santa Luísa, forma dia a dia as filhas e as comunidades. Ela vai compondo os regulamentos e inspirando as formas de vida comum, mostra-se uma verdadeira doutora em espiritualidade e muito bem informada até mesmo na teologia e tem um sentido muito vivo da oração como fruto da caridade e como fonte da ação e do dom de si aos pobres, aos enfermos e aos necessitados. Mas, note-se, quando São Vicente falava, uma irmã sempre anotava as suas palavras. As palavras de Santa Luísa formaram a vida de suas filhas. No entanto, não mereceram passar à posteridade. Na sua humildade, ela era a primeira a achar muito natural essa discriminação injusta e que privou sua família e a Igreja de muita riqueza espiritual (JOSAPHAT, 1999, p. 26-27).

Esse exemplo e tantos outros que poderiam ser relatados demonstram que as vozes femininas, na Igreja e em outras instâncias, podem ser consideradas vozes subterrâneas que trazem consigo memórias também subterrâneas; ao ser escutadas, tais vozes e memórias podem evidenciar outras faces, interpretações e perspectivas da história oficial e das memórias coletivas enquadradas (POLLAK, 1989) que, geralmente, servem aos interesses dos grupos dominantes e opressores, onde o machismo e a misoginia são elementos constitutivos.

Ao longo da história do Cristianismo sempre houve mulheres que não se conformaram com o silêncio a elas imposto pelo sistema patriarcal, por isso, quebraram regras, leram, escreveram, pregaram, ensinaram e se aprofundaram em assuntos considerados masculinos, como os conteúdos teológicos, chegando a produzir novas teologias, livres dos domínios androcêntricos que sempre acompanharam essa área do conhecimento (FURLIN, 2014):

Nesta linha, quero lembrar o nome de sóror Juana Inês da Cruz, religiosa mexicana vítima da Inquisição do século XVII. Juana Inês não se conformava com a ignorância e a prisão doméstica à qual as mulheres de seu tempo eram submetidas sob a alegação de cumprirem a vontade de Deus e da Natureza. Tornou-se literata, poetisa e astrônoma. Por seu atrevimento, muitos de seus textos e biblioteca, foram queimados pela Inquisição e ela teve de, contrariamente à sua vontade, reconhecer diante de seus inquisidores a culpa de não seguir os caminhos que a Igreja lhe indicara. Foi condenada a trabalhos domésticos forçados no Convento de São Jerônimo onde vivia. Morreu dois anos depois da condenação (GEBARA, 2007, p. 16).

A coragem dessas mulheres alicerçou as bases da criação de uma nova história eclesial, onde as mulheres, freiras ou leigas, não aceitam mais o silêncio opressor imposto a elas pelos homens em nome do Deus patriarcal (GEBARA, 2007) que eles representam. Tanto no âmbito eclesial quanto no social, há tempos está acontecendo o que Sherna Berger Gluck, citada por Salvatici (2005), afirma:

Recusando-se a serem deixadas historicamente sem voz por mais tempo, as mulheres estão criando uma nova história- usando nossas próprias vozes e experiências. Estamos contestando o conceito tradicional de história, aquilo que é 'historicamente importante', e estamos afirmando que nossa vida cotidiana é história. Usando a tradição oral, tão antiga quanto a memória humana, estamos reconstruindo o passado (GLUCK apud SALVATICI, 2005, p. 30).

Tendo como fio condutor a História Oral e o uso de entrevistas semiestruturadas, proporcionei às Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores a possibilidade de relatarem, a partir de suas memórias, uma parte significativa das suas vivências e ações em Alagoinhas⁷. Tal fato foi muito significativo e de uma

⁷ Os nomes das irmãs entrevistadas e das pessoas que deram depoimentos sobre a sua convivência e trabalho com as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores foram substituídos por nomes fictícios para garantir o anonimato das participantes da pesquisa.

beleza imensa para mim, enquanto pesquisador e amigo das irmãs, afinal a freira católica, que nem sempre é escutada com respeito e devida atenção, tem muito a dizer sobre suas visões de mundo, suas trajetórias de vida e suas experiências enquanto mulheres que optaram por dedicar a vida a Deus, à Igreja e às pessoas mais sofridas da sociedade.

Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores em Alagoinhas: presença fraterna, anúncio do Evangelho e compromisso com os pobres e sofridos

Seguindo as orientações do Concílio Vaticano II e em consonância com as conclusões da II Conferência Geral do Episcopado latino-americano, realizada em Medellín, no ano de 1968, a Congregação das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores decidiu ampliar a sua atuação na Igreja do Brasil através da abertura de comunidades inseridas nos meios populares. Atendendo ao convite de alguns bispos, as irmãs estabeleceram-se em duas dioceses da Bahia: Alagoinhas e Livramento de Nossa Senhora.

A abertura dessas comunidades inseridas no interior do nordeste brasileiro encontrou fundamentação e sustentação em três pilares: 1º) A ordem de Jesus Cristo apresentada aos seus apóstolos e apóstolas: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15); 2º) A identidade carismática da Religiosa Missionária de Nossa Senhora das Dores, segundo a Madre fundadora: “Lembremo-nos de que, antes de ser Educadoras, somos Religiosas Missionárias” (Madre Maria de Jesus); 3º) Os apelos da Igreja latino-americana naquele contexto socioeclesial que, baseada nas decisões conciliares, afirmava através do seu episcopado que:

[...] o religioso (a religiosa) deve encarnar-se no mundo real, e hoje com maior audácia que em outros tempos: não podendo alhear-se dos problemas sociais, do sentido democrático, da mentalidade pluralista etc., dos homens que vivem a seu lado. E assim, as circunstâncias concretas da América Latina (nações em via de desenvolvimento, com escassez de sacerdotes etc.) exigem dos religiosos uma especial disponibilidade, segundo seu próprio carisma, para se inserirem nas linhas de uma pastoral efetiva (*Conclusões de Medellín*, 2010, p. 171).

As negociações para a abertura de uma comunidade das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das

Dores em Alagoinhas ocorreram durante o ano de 1969, entre a Superiora Geral da congregação, Madre Maria do Calvário, e o bispo D. José Florisberto Cornelis⁸, que foi pessoalmente ao Rio de Janeiro, onde estava localizada a casa geral da Congregação, para conversar pessoalmente com a Madre Superiora sobre a possibilidade de abertura de uma comunidade em Alagoinhas.

Entre as Missionárias de Nossa Senhora das Dores, o desejo de inserção nos meios populares já havia se manifestado no Rio de Janeiro, logo após a realização do Concílio Vaticano II e antes dos convites dos bispos para a abertura de comunidades inseridas, como relata a Irmã Bernadete, fato que demonstra a abertura da congregação para um novo jeito de ser e atuar da vida consagrada conclamada pela Igreja daquele período, mas com resistências por parte de algumas religiosas, sobretudo das mais velhas, que não reconheciam como autêntico o novo jeito de ser freira que estava surgindo naquele momento:

A gente foi sendo preparada paulatinamente, até na tirada do hábito, daquele hábito preto, calorento do Rio de Janeiro, passou a vestir um hábito branco lá no Rio, as irmãs que moravam no Rio, depois mudou a estrutura, tirou aquele tanto de pano que tinha na cabeça e passou a usar um véuzinho, e depois o hábito passou a ser um xadrez, assim, pano leve que não era lã, então foi paulatinamente, acontecia na congregação encontros e reuniões para estudar, para refletir, e aprofundar as coisas; teve uma irmã que ajudou muito na congregação para a conscientização da mudança das irmãs, aí eu me lembro da primeira irmã no Rio que começou a fazer um trabalho fora do colégio do Rio; ela era criticada pelas colegas, por nós, por muitas outras irmãs mais idosas né, mais velha que ela, pra aceitar, acolher esse tipo de missão diferente (Irmã Bernadete).

As negociações continuaram por meio de cartas⁹. Numa delas, datada de 06 de outubro de 1969, Madre

⁸ Quando as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores estabeleceram-se em Alagoinhas, a Diocese de Alagoinhas ainda não existia; ela foi criada em 1974, sendo desmembrada da Arquidiocese de São Salvador. No período das negociações para a instalação da comunidade de inserção das Irmãs Missionárias, Alagoinhas tinha um bispo residente, D. José Cornelis, que era, na região, o bispo auxiliar do arcebispo de Salvador. Foi D. José quem convidou as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores a fundarem a comunidade de Alagoinhas. Com a criação da Diocese de Alagoinhas, D. José Cornelis foi nomeado o seu primeiro bispo.

⁹ No trabalho de construção da minha dissertação pesquisei documentos da época, como cartas da Madre Maria do Calvário e de D. José Cornelis e o livro de tomo da Paróquia da Catedral de Santo Antônio.

Maria do Calvário apresentou para D. José Cornelis os perfis das Irmãs que pretendia enviar para Alagoinhas: irmãs capazes de coordenar a catequese paroquial; aquelas que poderiam trabalhar como professoras para ajudar no sustento da comunidade; algumas que queriam continuar os estudos através do ingresso numa faculdade e irmãs que estavam dispostas a fazer um trabalho geral com o povo de Alagoinhas naquilo que fosse necessário.

Em outra carta, escrita no dia 16 de dezembro de 1969, Madre Maria do Calvário prestou algumas informações a D. José Cornelis sobre a viagem das irmãs para Alagoinhas, planejada para o início de 1970. Nesta carta, a Madre discutiu as seguintes questões práticas com o bispo: sustento e manutenção das irmãs, local de moradia, faculdade para a freira que gostaria de continuar estudando e data possível da viagem.

Concluídas as negociações e acertados os detalhes da viagem, as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores chegaram a Alagoinhas no dia 15 de março de 1970. O grupo composto por cinco irmãs foi instalado na Praça Santa Isabel, em uma casa de propriedade da Paróquia de Santo Antônio, formando, assim, a Comunidade Madre Maria Miguel¹⁰. A chegada das irmãs foi registrada no livro de tomo¹¹ da Paróquia de Santo Antonio pelo pároco, o Padre Kasimir (Casemiro) Spielmann.

De acordo com o registro de Padre Casemiro, as irmãs foram acolhidas com alegria e entusiasmo pelos paroquianos de Santo Antônio e a missão que elas assumiram em Alagoinhas consistiu numa novidade em relação ao papel das freiras na Igreja e na sociedade a que as pessoas da cidade estavam acostumadas, visto que as duas congregações de religiosas instaladas até aquele momento em Alagoinhas, as Missionárias do Santíssimo Sacramento e Maria Imaculada e as Irmãs

¹⁰ É costume na vida religiosa que cada comunidade das congregações receba um nome, geralmente os nomes são relacionados à história e às devoções dos institutos religiosos.

¹¹ Trata-se de um livro tipicamente canônico-ecclesial, onde são lançados os atos e fatos significativos, os acontecimentos históricos, os procedimentos administrativos de maior relevância. Este livro é redigido pelo pároco, cada um com seu estilo. Em tudo, porém, sempre é necessária a preocupação em registrar a vida da comunidade paroquial.

Franciscanas Imaculatinas, possuíam colégios tradicionais e neles exerciam o seu apostolado.

A chegada e a inserção das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores na Paróquia de Santo Antônio contribuíram para que Alagoinhas assumisse o novo jeito de ser Igreja proposto pelos bispos da América Latina. As Irmãs de Madre Maria de Jesus, de certo modo, abriram caminhos para que Alagoinhas acolhesse outras freiras dispostas a assumir uma vida de inserção entre os pobres, uma vez que, anos mais tarde, em 1973, outra congregação de irmãs inseridas nos meios populares chegou à cidade, mas foi designada para a Paróquia de São Francisco de Assis: as Irmãs de Nossa Senhora dos Humildes que desenvolveram nas comunidades periféricas daquela paróquia um trabalho voltado para as CEB's, a catequese, os clubes de mães, as crianças abandonadas, as mulheres prostituídas, os cursos de datilografia, corte e costura e o MOBREAL.

Durante a sua permanência na Paróquia da Catedral de Santo Antônio¹², as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores desempenharam diversas atividades pastorais e engajaram-se em movimentos sociais que tinham como objetivo a defesa e a promoção da vida e dos direitos das pessoas pobres e excluídas: Catequese, Animação de Comunidades, Pastoral Carcerária, Grito dos Excluídos, Movimento das Mulheres Lavadeiras e Fórum de Direitos Humanos foram algumas das atividades coordenadas, assessoradas e realizadas pelas religiosas durante os trinta anos em que moraram em Alagoinhas.

Diante das limitações deste trabalho, apresentarei relatos e memórias de apenas três das muitas atividades que as Irmãs de Nossa Senhora das Dores realizaram em Alagoinhas: Catequese, Animação das Comunidades e Movimento das Mulheres Lavadeiras.

Madre Maria de Jesus afirmou que “quem trabalha na catequese lembre-se de que trabalha diretamente para as missões¹³”, ou seja, para a evangelização das pessoas e das comunidades; por isso, a Pastoral

Catequética sempre foi valorizada e tratada como prioridade pelas Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores.

Em Alagoinhas, as irmãs desenvolveram diversas atividades em prol da catequese da Paróquia da Catedral de Santo Antônio: coordenação paroquial de catequese; formação das/dos catequistas; preparação de crianças, adolescentes e jovens para a Primeira Eucaristia; e preparação de jovens e adultos para o sacramento da Crisma, entre outras. De maneira geral, todas as irmãs que moraram em Alagoinhas desenvolveram alguma atividade catequética na paróquia, como demonstram os depoimentos abaixo:

Bem, Alagoinhas, é, lá claramente eu trabalhei na catequese, não como catequista né, mas assim: orientava, coordenava, ajudava ao grupo de catequistas; supervisionava, coordenava um pouco a catequese, sempre na formação dos catequistas (Irmã Catarina).

[...] eu cheguei lá e comecei a atuar na catequese, então assim, eu ajudava muito na catequese tanto da comunidade Santa Isabel, ajudei na Baixa da Candeia onde tem o Jean (Irmã Domingas).

Eu fui catequista de adolescentes e jovens e também colaborava com a Irmã Felícia na formação de catequistas (Irmã Elizabeth).

[...] os trabalhos que realizei na Diocese foi somente o trabalho com a catequese, no bairro antigamente Rua da Areia, que hoje é a comunidade Nossa Senhora das Dores né, da Ivânia, e no Mangaló acompanhando uma turma de Crisma (Irmã Graça).

Aquela nossa equipe: formação de catequistas era constante, porque fazer a formação uma vez no primeiro semestre, outra vez não, mas tínhamos aquele trabalho constante, mensal, e que era muito bom, e com os coordenadores também uma vez por mês. E tinha as horas de oração que fazia e que fortificava e que ajudava muito (Irmã Alberta).

A catequese realizada pelas Missionárias de Nossa Senhora das Dores em Alagoinhas foi uma catequese dentro do espírito do Concílio Vaticano II, ou seja, uma catequese renovada, que tinha por objetivo a educação da fé das pessoas e não apenas a preparação doutrinária para os sacramentos. Nesse sentido, as irmãs não apenas trabalhavam com crianças, mas também com adolescentes, jovens e adultos, utilizando uma metodologia baseada em Paulo Freire e recomendada pela CNBB, o Método Ver- Julgar- Agir-Celebrar. Essa maneira de ministrar a catequese em nada parecia com a catequese tradicional, baseada em perguntas e respostas, que perdurou na Igreja durante longos anos.

¹² Com a criação da Diocese de Alagoinhas, em 1974, a Paróquia de Santo Antônio passou a chamar-se Paróquia da Catedral de Santo Antônio.

¹³ Frase de Madre Maria de Jesus citada em propaganda vocacional da congregação.

A catequese realizada pelas Religiosas de Nossa Senhora das Dores valorizava os sacramentos, mas incentivava o engajamento dos catequizandos e das catequizandas nas comunidades e pastorais da Paróquia e, além disso, era uma catequese que buscava despertar nas pessoas o desejo de tornarem-se melhores a partir do encontro pessoal com Jesus Cristo e sua mensagem. Ademais, o trabalho catequético realizado pelas irmãs em Alagoinhas empenhou-se em despertar e viabilizar nos grupos de catequistas e catequizandos, e em toda a comunidade eclesial, a interação entre fé e vida de acordo com a perspectiva do documento *Catequese Renovada*:

Ter fé significa colher nas coisas, acontecimentos e pessoas, o apelo de Deus que oferece sua Aliança de comunhão em Cristo. Longe de se identificar com uma ideologia, a fé cristã é adesão à pessoa de Jesus Cristo, à sua mensagem de libertação e salvação; ela tem uma tarefa crítica e profética diante das situações contingentes da História. Não consiste apenas em adesão a um credo ou princípios morais, mas também e principalmente, em atitudes, ou seja, na adesão a Deus e a seu plano de salvação e no compromisso com os irmãos, incluindo a responsabilidade social. Uma fé pessoal e adulta é operante e constantemente confrontada com os desafios da nossa realidade. É uma fé animada pela caridade e está presente no compromisso social como motivação, iluminação e perspectiva teológica, que dá sentido integral aos valores da dignidade humana (*Catequese Renovada*, nº 248).

Para Magnólia, catequista de uma das comunidades da Paróquia de Santo Antônio, o trabalho realizado pelas irmãs na área catequética foi fundamental para a sua formação de catequista. Em seu depoimento, Magnólia destacou o método que as irmãs, em conformidade com o documento *Catequese Renovada*, recomendavam para a realização do trabalho catequético:

O tempo que convivi com Irmã Felícia e as outras irmãs foi uma experiência muito boa onde aprendi a metodologia do 'ver, julgar, agir e celebrar'. Tinha estudos bíblicos onde aprendemos ligar a vida com a Bíblia. Lembro-me quando a irmã disse: 'Catequese é permanente, começa no ventre e só termina na hora da morte; a família, os responsáveis, são os primeiros catequistas da criança e isso vai se acentuando na Igreja, na escola, etc. Essa minha experiência não se perdeu, nem jamais será esquecida, pois foi passada com muita responsabilidade, muita dedicação.

O jovem José, durante a infância, foi catequizando das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores; elas o prepararam para os sacramentos do Batismo e da Eucaristia. De acordo com ele, a catequese ministrada pelas irmãs era "pé no chão" e foi fundamental para

que ele perseverasse na fé e assumisse, a partir da adolescência, compromissos com as pastorais sociais da Paróquia; José também afirmou em seu relato que as irmãs de Nossa Senhora das Dores são "testemunhas vivas de Jesus, servo e revolucionário":

Cresci na Rua 15 de Novembro e como sempre fui observador, ficava admirado ao ver aquelas mulheres de saias e cabelos curtos sempre passarem juntas na frente da minha casa. Acho que elas perceberam que eu sempre as observava e num dos dias em que passaram pela frente da minha casa uma delas parou e me convidou para participar da catequese na Comunidade Senhor do Bonfim. Era a Ir.

Felícia. Lembro que estava acompanhada da Ir. Helena de duas jovens que eram postulantes: Iolanda e Josefa. Aceitei o convite e no primeiro sábado após o nosso encontro já fui fazer a minha matrícula. Fui muito bem acolhido pelas catequistas Joanita, Eliene e Rose. As irmãs Kátia e Helena ajudavam na catequese de Primeira Eucaristia. Após dois anos de preparação eis que eu cheguei à turma de Primeira Eucaristia, cuja catequista ainda era a Ir. Kátia, auxiliada pela Solange, postulante das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores. Eram encontros sempre muito dinâmicos. Não esqueço a alegria e o sotaque de Solange, que foi uma das principais responsáveis para que eu me dedicasse ainda mais à Igreja. No decorrer daquele ano, fomos surpreendidos com a transferência de Irmã Kátia; Solange continuou responsável pela turma. Lembro que a Ir. Felícia sempre nos visitava, me parece que ela era a coordenadora paroquial da catequese. Sempre que o gol branco era avistado já sabíamos que a Ir. Felícia estava chegando. Uma pessoa maravilhosa. Sempre alegre, de palavras doces, uma verdadeira missionária. Não esqueço do dia do meu batizado, que seria celebrado pelo então pároco, Pe. Elzo, mas que acabou tendo problemas com o carro no caminho de volta da zona rural e coube a Ir. Carmélia celebrar os batismos. Isso me dá muito orgulho. Ter sido batizado por aquela que me convidou para fazer a catequese. Era uma paróquia muito grande e tínhamos somente um padre. As irmãs desempenhavam um trabalho exemplar, ajudando não somente na catequese, mas também na animação das comunidades e nas pastorais sociais, principalmente a Pastoral Carcerária, o xodó de Ir. Felícia. A catequese era "pé no chão". Em todos os encontros tínhamos a oportunidade de trazer os elementos bíblicos para a nossa vida. Lembro que às vezes a Solange nos levava para a casa das irmãs na Praça Santa Isabel. Tinha uma capela de tijolinhos muito bonita... Lembro da Ir. Lúcia, já bem idosa, mas sempre solícita e atenciosa. O quintal era enorme, tinha jardins, horta e pomar. Nos lambuzávamos com as carambolas. A nossa Primeira Eucaristia ocorreu em maio de 2001 e lembro bem das palavras da Ir. Felícia que pedia que déssemos continuidade ao grupo e nos propôs a criação de um núcleo da Infância Missionária. Assim foi feito, e durante parte daquele ano seguimos sendo acompanhados pelas irmãs. No mês de outubro daquele ano, salvo engano, fomos surpreendidos com a notícia de que as irmãs iriam embora de Alagoinhas. Foi muito triste para todos nós a despedida de mulheres que tanto contribuíram para a nossa formação e tanto ajudaram no desenvolvimento do trabalho pastoral em nossas

comunidades. Se seguir perseverante na minha fé, sobretudo trabalhando em pastorais sociais, devo isso ao aprendizado com as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, mulheres que se doam e são testemunhas vivas de Jesus, servo e revolucionário.

O depoimento do jovem José, ao classificar como “pé no chão” a catequese vivenciada por ele, ratificou o que já foi afirmado sobre o trabalho catequético realizado pelas Missionárias de Nossa Senhora das Dores em Alagoinhas: uma catequese que buscou construir interação entre fé e vida, numa dinâmica em que a fé pudesse iluminar e transformar a vida em todas as suas dimensões. Além disso, com base no depoimento do jovem José, é possível afirmar que as irmãs se empenhavam para que o processo catequético acontecesse também através da convivência fraterna, baseada na amizade e em momentos que transcendiam o ensinamento doutrinário propriamente dito.

As Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores, através de sua atuação catequética em Alagoinhas, confirmaram uma declaração de Madre Maria de Jesus sobre os principais objetivos da congregação: “A Educação e a Catequese deverão ser sempre as primeiras finalidades do Instituto¹⁴”. Como catequistas, as irmãs foram para as pessoas e as comunidades da Paróquia de Santo Antônio autênticas educadoras da fé¹⁵, e desempenharam esse serviço como “alguém que, integrado na comunidade, conhece bem sua história e suas aspirações e sabe animar e coordenar a participação de todos” (*Catequese Renovada*, nº 144).

As Missionárias de Nossa Senhora das Dores marcaram presença nas comunidades da Paróquia de Santo Antônio não apenas através da catequese, mas também realizando outros serviços: algumas irmãs trabalharam na Pastoral da Criança; outras na Pastoral da Saúde; algumas auxiliaram os clubes de mães que existiam nas comunidades; outras, a pedido dos padres da Paróquia, realizaram celebrações dos mais diversos

tipos, desde batismo até exéquias; e algumas coordenaram grupos de estudos bíblicos.

Algumas religiosas, durante o tempo em que moraram em Alagoinhas, foram designadas a prestar assistência pastoral a comunidades específicas, dedicando-se quase que exclusivamente ao povo daquelas localidades, sobretudo da periferia e da zona rural:

Foi um trabalho muito bom porque aí eu já fiquei lá na comunidade do Barreiro, São José. Então assim, era um trabalho muito bom também, de formação de catequistas, era um trabalho assim com as lideranças da comunidade, era um trabalho de visitas, de encontro com jovens, com famílias, então foi um trabalho mais ampliado né; aí eu já não ficava tanto mais na Praça Santa Isabel; a Irmã Mariana ia pra Santa Rita e eu ia pra o São José (Irmã Consolação).

[...] a experiência intensa na comunidade Thompson Flores foi uma experiência muito, muito próxima porque eu me sentia muito família ali com aquela comunidade né. Eu me sentia assim: eu conhecia todo mundo. [...] acho que foi uma experiência de comunidade, de viver no meio das pessoas, de sentir muito apreço também, a estima da comunidade, o respeito à minha vocação; tanto que eu sair de lá foi muito difícil; a gente cria todos esses laços de amizade [...] então eu acho que experiência muito positiva; eu diria que foi lá mesmo no Thompson Flores pela amizade, pela comunhão que a gente vivia ali na comunidade né (Irmã Domingas).

Foi assim, o que foi mais intenso foi o trabalho nas comunidades rurais. Eu ia com Zenaide e com Hilário; a gente fazia um trabalho; a gente fazia um trabalho de, era assim, formação de modo geral: era formação de catequista, era encontro nas comunidades, a gente fazia celebração quando a gente ia nas comunidades (Irmã Neusa).

O que mais me marcou positivamente na missão foi a experiência de conviver com o povo lá na Rua da Areia, na Comunidade Nossa Senhora das Dores né; a luta que a gente teve de formar, de criar uma comunidade ali né, até de levantar um espaço, uma capela, um centro, aquela experiência da escolinha da comunidade, de ajudar aquele povo, de mostrar pra eles que eles tinham valor (Irmã Olga).

De acordo com os relatos apresentados, a presença das irmãs nas comunidades da Paróquia de Santo Antônio não se restringiu à realização de trabalhos pastorais: foi também uma oportunidade que as religiosas tiveram de conhecer pessoas, conviver com elas, partilhar de suas dores e esperanças e estreitar laços de convivência, num processo que permitiu o surgimento de amizades entre as religiosas e as pessoas das comunidades, fossem elas crianças, jovens, adultos ou idosos.

Para Delir Brunelli, a boa convivência entre as religiosas e o povo das comunidades é uma

¹⁴ Frase da Madre Maria de Jesus citada em livreto de propaganda vocacional da congregação.

¹⁵ O catequista é sempre um “mestre”, um “educador”, e como tal deve ter qualidades próprias de todo verdadeiro educador, além, naturalmente, de sua bagagem de conhecimento: tato e sensibilidade para com as pessoas, capacidade de compreensão e de acolhimento, habilidade para incentivar processos de aprendizagem, arte para orientar para a maturidade humana e cristã, com tudo que isso supõe (ALBERICH, 2007, p. 350).

característica marcante na vida das congregações femininas inseridas nos meios populares:

Com certa facilidade, as irmãs entram nas casas, frequentam os locais de reunião, participam da vida e das lutas das pessoas, das famílias, das comunidades e dos diferentes grupos. Vão criando relacionamento humano e fraterno, de amizade e companheirismo, que desmitifica a imagem de irmã, construída no passado e ainda presente na Igreja e na sociedade. [...] O relacionamento se aprofunda à medida que vai crescendo a confiança e as pessoas vão se sentindo à vontade para falar de sua vida, de seus anseios e até de seus pecados (BRUNELLI, 1990, 16-17).

A partir da colocação de Delir Brunelli e dos relatos das irmãs entrevistadas, pode-se concluir que, de maneira geral, as religiosas não tiveram e não têm receio de se aproximar e de conviver com as pessoas simples e pobres das comunidades, da zona rural ou das periferias. Ao penetrar nos meios populares, guiadas pela opção preferencial pelos pobres, as irmãs passaram a relacionar-se com as pessoas de maneira igualitária, não aceitando distinção ou privilégios por serem religiosas, o que pode ser explicado, em parte, pelo fato de a vida consagrada não pertencer à hierarquia católica (GERALDO, 2012), favorecendo desse modo a aproximação entre freiras e povo, visto que não existe nessa relação o poder instituído e institucionalizado criando barreiras e distâncias como no caso dos padres, que nem sempre conseguem transpor os “muros das sacristias” no exercício do ministério sacerdotal.

Dessa maneira, a freira torna-se de fato a “irmã”, a companheira, a amiga, a mulher com quem se pode conversar, brincar, pedir conselhos, desabafar, fazer uma refeição, gritar por socorro, reivindicar os direitos e rezar nas alegrias e nas dores da vida. Em outras palavras, as religiosas das comunidades inseridas testemunham para a Igreja, para a sociedade e para os pobres que “Deus não está mais longe de nós, longe de modo nenhum. Ele é a nossa mais profunda e próxima realidade” (BOFF, 2002, p. 114).

Convivendo com as pessoas das comunidades de Alagoinhas, as irmãs da Praça vivenciaram um importante preceito de sua fundadora: “Não somos missionárias para viver na solidão, mas para espalhar o amor de Cristo”. Segundo Madre Maria de Jesus, a Religiosa Missionária de Nossa Senhora das Dores não deveria ser uma mulher solitária, distanciada das

pessoas e arredia aos relacionamentos fraternos. Esse pensamento da Madre fundadora é compatível com a ideia defendida por Brunelli (1990): quando a vida religiosa se predispõe a conviver com as pessoas de maneira livre e desprovida de qualquer tipo de preconceito, ela beneficia-se através de aprendizagens significativas, ou seja, a vida religiosa aprende a ser mais simples, mais aberta e acolhedora, portando, mais solidária (BRUNELLI, 1990).

As Missionárias de Nossa Senhora das Dores atuaram como assessoras e animadoras do Movimento das Mulheres Lavadeiras de Alagoinhas: um movimento que reunia mulheres lavadeiras de diversos pontos da periferia da cidade:

E aí, cada vez mais eu lembrando, nós temos que unir fé e vida, não pode ficar só na oração; oração sem fé é morta. Aí começamos a fazer um trabalho com as mulheres lavadeiras que eram muito injustiçadas pelas patroas que pagavam muito mal; e aí foi com o apoio do Padre José (Irmã Bernadete).

O Grupo das Lavadeiras ou a Pastoral das Lavadeiras como era popularmente conhecido o Movimento, reunia-se constantemente em encontros onde as mulheres refletiam sobre as situações e as dificuldades vividas por elas. Nestas reuniões, elas também elaboravam, com o auxílio das irmãs e do Padre José Goppinger, pároco da Catedral de Santo Antônio naquela época, a tabela de preços que deveria ser apresentada às patroas¹⁶ na tentativa de que estas remunerassem de maneira justa e unificada o trabalho das lavadeiras de Alagoinhas:

Toda vez que o salário subia, a gente aumentava o preço das trouxas, e organizamos trouxas de uma a dez peças, de uma a vinte, de uma a trinta, de uma a quarenta e uma a cinquenta (Irmã Bernadete).

A tabela de preços elaborada pelo movimento nem sempre foi aceita cordialmente pelas patroas das lavadeiras; em muitas ocasiões, ela foi motivo de desentendimentos e conflitos; também houve casos de lavadeiras que, por medo de perder trabalho, aceitaram receber remunerações abaixo dos valores da tabela:

Quando era mais de trinta peças numa trouxa, orientamos: vocês dividam as roupas em duas trouxas. Aí, as patroas falavam: cês vão pedir Padre José e a Irmã pra pagar vocês (Irmã Bernadete).

¹⁶ Expressão que era utilizada pelas lavadeiras para denominar as mulheres que “contratavam” os seus serviços.

Havia muitos conflitos. E as mulheres tinham consciência de que o trabalho que elas faziam era um trabalho que valia mais, mas acabava que muitas vezes muitas cediam, assim de lavar por um preço mais baixo, porque elas de uma certa forma eram mantenedoras de família [...] para muitas mulheres não era só o complemento da família, mas elas eram mantenedoras de família, então assim: quando você se sente naquela missão de realmente buscar o necessário para sua família, mesmo tendo consciência de que você não tá recendo o justo pelo seu trabalho, pela sua mão de obra, mas você acaba fazendo (Irmã Paulina).

O Movimento das Lavadeiras de Alagoinhas articulava-se com os grupos de lavadeiras de Catu, Pojuca, Entre Rios e Salvador através de assembleias e encontros de formação:

Uma vez por ano tinha assembleia das lavadeiras com Salvador ou então só com a gente também. Essas assembleias eram muito boas, dinamizadas; elas faziam apresentações de casos concretos que tinham acontecido com elas, as lavadeiras e as patroas (Irmã Bernadete).

A Irmã Bernadete, ao avaliar a atuação do Movimento das Mulheres Lavadeiras de Alagoinhas, afirmou que ele foi fundamental no processo de luta e de conquista de diversos direitos das lavadeiras:

Esse trabalho das lavadeiras é que eu falei outro dia, até lembrei com o Padre José, foi um trabalho que realmente valeu à pena, mas antes de eu sair de lá já tava diminuindo porque tavam entrando as máquinas; as patroas foram deixando a lavadeira. A mulher lavava, passava, elas não davam sabão, não pagavam ônibus. Nós lutamos por isso tudo e elas tinham que dar um tanto para o décimo terceiro, [...] dar o sabão, ajudar a pagar a luz, pois elas passavam na casa dela né (Irmã Bernadete).

As mulheres do Movimento das Lavadeiras e as Missionárias de Nossa Senhora das Dores, ao longo dos anos 1990 e início dos anos 2000, foram responsáveis pela realização das comemorações do Dia Internacional da Mulher em Alagoinhas através da organização de uma passeata que mobilizava as comunidades, as pastorais e os movimentos da Paróquia de Santo Antônio e significativa parte da sociedade civil:

Nós começamos esse movimento ‘oito de março’ e as lavadeiras eram que dirigiam esse movimento; a gente articulava com elas; a liderança ficava com o grupo das mulheres. Que a gente fazia aquelas passeatas lá, dia oito de março, é aquela conscientização que era muito boa também. [...]. As lavadeiras chefiavam; convidamos, convidava muita gente pra participar, aí, iam outras pessoas; elas que movimentavam, mas o convite era aberto para todas as mulheres, mas geralmente, é claro, nesses movimentos iam as mulheres carentes, as mulheres mais simples, mais necessitadas.

Aquelas madames, aquela gente, ficavam olhando pelas portas (Irmã Bernadete).

Duas antigas lideranças do movimento, Angélica e Rosa, relataram, através de um depoimento, alguns fatos referentes à luta das mulheres lavadeiras no período em que as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores atuaram na Paróquia de Santo Antônio e apresentaram os rumos tomados pelo grupo depois que as irmãs foram embora de Alagoinhas:

As irmãs da Praça lutaram por uma classe específica, as lavadeiras, levando-se em conta a maneira como elas eram tratadas: muito sofrimento e exploração por parte dos patrões e também grande responsabilidade que as mesmas tinham de criar seus filhos, sendo pai e mãe ao mesmo tempo. [...] As lavadeiras se reuniam mensalmente para refletir os problemas do movimento com o objetivo de conscientizar na valorização de seu trabalho e dos seus direitos. [...] Em dezembro de 2001, a Irmã Felícia, juntamente com sua congregação, foi embora de Alagoinhas. Querendo deixar bem claro que o movimento não tem identidade religiosa, pelo contrário, todas as mulheres são convidadas a participar independente do credo religioso. Em reunião com os grupos da cidade, ficou decidido em comum acordo a mudança do nome do Movimento das Lavadeiras para Movimento de Mulheres, mostrando o desejo de ampliar o movimento com as domésticas, faxineiras, clube de mães. O grupo, agora Grupo de Mulheres, ainda se reúne mensalmente com o mesmo objetivo de lutar pelos nossos direitos e valores. Mesmo à distância, Irmã Felícia e todas as irmãs, continuam sendo essa base sólida e inspiradora, nos dando forças e coragem para nunca desistirmos, mesmo diante de tantas dificuldades, decepções e perdas, a luta continua. Através de suas orações, de seus conselhos, elas despertam o desejo de continuar fortes e unidas cada vez mais (Angélica e Rosa).

O trabalho das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores no Movimento das Mulheres Lavadeiras de Alagoinhas pode ser classificado, de acordo com a concepção de Delir Brunelli (1988) sobre profetismo na vida religiosa, como um compromisso com o processo de libertação da mulher pobre:

A missão profética se realiza no anúncio e na denúncia, com palavras e com o testemunho de vida. Essas dimensões devem estar presentes no que se refere à libertação da mulher. [...] Existe uma consciência clara de que o testemunho profético passa pelos caminhos da luta em favor da justiça e da libertação dos oprimidos. Esse profetismo nasce de uma situação que interpela e desafia a consciência dos religiosos e das religiosas, como provocação do Espírito a pessoas que têm por vocação estar atentas aos sinais de Deus (BRUNELLI, 1988, p. 102).

Em outras palavras, o apoio dado ao Movimento das Lavadeiras pelas Irmãs de Nossa Senhora das Dores é um exemplo que confirma que “a denúncia da opressão

que pesa sobre a mulher, e o compromisso com sua libertação fazem parte da missão profética do religioso e da religiosa.” (BRUNELLI, 1988, p. 104). Nesse sentido, a atuação das Missionárias de Nossa Senhora das Dores no Movimento das Lavadeiras ultrapassou os limites de uma atividade unicamente pastoral, pois a Congregação de Madre Maria de Jesus, ao assessorar, articular e mobilizar as lavadeiras de Alagoinhas realizou um trabalho político, pois contribuiu para a formação da consciência crítica daquelas mulheres em relação aos seus direitos e às situações vivenciadas por elas no cotidiano, marcadas profundamente pela discriminação, pela violência e pelo trabalho pesado e interminável.

O termo “feminista” não apareceu nas falas das irmãs entrevistadas e no depoimento das antigas líderes das lavadeiras. Entretanto, analisando os objetivos, a metodologia e as ações do Movimento, pode-se afirmar que ele, na prática, foi um movimento feminista, visto que lutou com afinco pelo fim das opressões a que as mulheres lavadeiras, suas principais protagonistas, eram submetidas.

Passados quase 20 anos da saída das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores de Alagoinhas, o povo parece que ainda não se acostumou com a ausência das irmãs; com gratidão e respeito, recorda a atuação delas em prol das atividades pastorais e da defesa da vida e da dignidade dos pobres e marginalizados. Ainda hoje, as pessoas falam das irmãs da Praça com aquela saudade e fraternidade que só se consegue falar das pessoas que foram importantes, que conquistaram confiança, que cultivaram afetos e deixaram suas marcas positivas na história.

Saudade, gratidão e legado

Registrar a memória da atuação das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores em Alagoinhas e da minha convivência com elas enche os meus olhos e o meu coração de emoção e alegria. Afinal, essas mulheres, amigas do povo e dos pobres, que durante trinta anos trabalharam incansavelmente na Diocese de Alagoinhas, anunciando o Evangelho, acolhendo as pessoas e lutando com bravura e coragem pela dignidade da pessoa humana, especialmente dos

pobres e das mulheres, marcaram a minha vida de maneira intensa e profunda.

Nesse processo, elas me mostraram outra face da Igreja Católica, mais bonita e evangélica, livre das opressões e dos sistemas patriarcais que ainda ditam regras, atitudes e comportamentos na eclesiologia da Igreja de Jesus Cristo. As irmãs, “filhas” da corajosa e destemida Madre Maria de Jesus, me ensinaram na prática da convivência e das relações fraternas que o Cristianismo é um caminho de amor, senso crítico, serviço, justiça, solidariedade, equidade e fraternidade e, que ser cristão ou cristã exige coragem e compromisso da parte de quem opta por seguir os passos de Jesus de Nazaré, pois como afirmou o Padre Zezinho, num disco que ele gravou em 1974: “Ser amigo seu (de Cristo) é perigoso; você exige demais e não se contenta com mediocridade”¹⁷.

Por isso, ao terminar esse texto, a saudade e a gratidão estão, como sangue, correndo pelas minhas veias, pelo meu corpo e pelos meus afetos. Consciente da humanidade das Irmãs de Nossa Senhora das Dores, de suas limitações, de suas potencialidades e de suas qualidades, eu afirmo, sem medo de errar, que a Igreja, em particular a da Diocese de Alagoinhas e o seu povo, do qual faço parte, só ganharam com o trabalho, a dedicação, as lutas e o testemunho de fé e esperança das Irmãs de Madre Maria de Jesus.

Para mim, as Missionárias de Nossa Senhora das Dores deixaram para o povo de Alagoinhas um legado que não pode ser esquecido: é inconcebível ser cristão ou cristã sem ligar fé e vida, sem lutar pela construção de um mundo melhor para todas e todos, principalmente para as pessoas mais pobres e marginalizadas, entre elas as mulheres, cujas vozes e experiências ainda são silenciadas e desvalorizadas pelo patriarcado.

Lista de fontes

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

¹⁷ Frase retirada do disco “Meu Cristo Jovem”, gravado em 1974, pelo Padre Zezinho, SCJ.

CONFERÊNCIA dos Bispos do Brasil. **Catequese Renovada**. São Paulo: Paulinas, 2006.

Congregação das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores: folhetos, livretos, propaganda vocacional, agenda.

Entrevistas com Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores que moraram e trabalharam em Alagoinhas.

Depoimentos de pessoas de Alagoinhas que conviveram e trabalharam com as Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores.

PADIN, Cândido; GUTIÉRREZ, Gustavo; CATÃO, Francisco. **Conclusões da Conferência de Medellín-1968**. São Paulo: Paulinas: 2010.

Referências

ALBERICH, Emilio. **Catequese Evangelizadora: Manual de Catequética Fundamental**. São Paulo: Salesiana, 2004.

ALBERTI, Verena. **História Oral: A experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

AQUINO, Maria Pilar. **A Teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1997.

BOUISSOU, Genoveva. **Traços Biográficos de Madre Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: s/ed, 1965.

BRUNELLI, Delir. **Libertação da Mulher: Um desafio para a Igreja e a Vida Religiosa da América Latina**. Rio de Janeiro: CRB, 1988.

_____. **A Mulher Religiosa nas CEB's**. São Paulo: Loyola, 1990.

FURLIN, Neiva. O gênero da modernidade e o gênero da teologia: impactos socioculturais do pensamento masculino. In: **Revista Punto Gênero**, 2014.

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia Feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GERALDO, Denilson. **A Vida Consagrada no Código de Direito Canônico**. Aparecida: Santuário, 2012.

JOSAPHAT, Carlos. **As Santas Doutoras: Espiritualidade e Emancipação da Mulher**. São Paulo: Paulinas, 1999.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Revista Historiae**, 2011.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, vol. 05, nº 10, Rio de Janeiro, 1992.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, vol. 08, nº 01, jan.-jun. 2005.